



INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
LICENCIATURA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

SURA SUBUHANA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONSTITUÍDAS POR ESTUDANTES
TIMORENSES E O PAPEL DA LÍNGUA PORTUGUESA**

REDENÇÃO

2018



**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA**

SURA SUBUHANA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONSTITUÍDAS POR ESTUDANTES
TIMORENSES E O PAPEL DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Licenciado em Letras-Língua Portuguesa.

Orientadora: Camila Maria Marques Peixoto

REDENÇÃO

2018

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONSTITUÍDAS POR ESTUDANTES
TIMORENSES E O PAPEL DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Licenciatura em Letras-
Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Letras-Língua Portuguesa.

Aprovado em: __31__ de outubro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Orientador e presidente:

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira
(UNILAB)

Examinadora Interna: Profa. Dra.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira
(UNILAB)

Examinadora Externa: Profa. Dra.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira
(UNILAB)

Resumo: Este trabalho pretende analisar as representações sociais (CARIOCA et al PEIXOTO) constituídas por estudantes timorenses sobre o papel atribuído às línguas faladas pelos interlocutores entrevistados pelo Grupo de pesquisa Profala, tendo como destaque o papel da língua portuguesa, com o propósito de discutir e analisar como é que os estudantes timorenses aprenderam a língua portuguesa, quais os grupos sociais que motivaram para falar a língua, visto que o português não é falado muito pela maioria de timorenses. apresentado um quadro de dados que demonstra quantas línguas fala cada aluno entrevistado no grupo de pesquisa PROFALA (UNILAB), tendo como interesse saber qual é o papel identitário e o lugar da língua portuguesa em Timor-Leste. A partir dos textos lidos, deu para desvendar que o governo tomorense precisou recorrer a um processo motivacional para que aquele país reintroduzisse o português como língua oficial, embora reconheçamos que o país foi colonizado e invadido por outras potências, a exemplo da Indonésia, que por muito tempo controlou aquele território. Analiza-se também os conceitos teóricos da língua materna (LM), língua segunda (LS), língua estrangeira (LE) e língua Oficial (LO). Conclui-se, a partir da análise dos dados coletados, que os informantes são unânimes em reconhecer a importância do português para a recuperação da dignidade perdida, recuperação e preservação da identidade histórica, cultural e política de Timor-Leste.

Palavras chaves: Timor-Leste, representações sociais e língua portuguesa.

Introdução

O objetivo de nosso trabalho é analisar as representações sociais CARIOCA et al PEIXOTO, (2011) construídas por estudantes timorenses sobre o papel atribuídos às línguas faladas pelos timorenses entrevistados pelo Grupo de pesquisa Profala, destacando o papel da língua portuguesa. Porém, para esclarecer sobre a função da língua portuguesa foi preciso trabalhar com dados específicos, coletados através de entrevistas feitas pelo grupo de pesquisa PROFALA (UNILAB), que tem como objetivo construir um Banco de dados do português falado nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor-Leste. Com as leituras feitas notamos que os alunos

timorenses ainda têm grande desafio por enfrentar para se adaptarem na antiga língua do país, e que agora o governo timorense tomou a decisão de declarar a língua portuguesa como língua Oficial para aquele país. A situação linguística de Timor-Leste é extremamente complexa, o que nos leva a acreditar que algumas comunidades de Timor-Leste terão dificuldades de aprender e adotar a língua eleita. O que se torna mais preocupante é ver a população mais jovem com dificuldades no domínio da língua portuguesa, pois muitas das vezes recorrem às línguas locais ou nacional - a exemplo do *Tetum* e algumas línguas estrangeiras (inglês e indonésio). Timor-Leste ainda está em uma instabilidade no que se refere a comunidade linguística e cultural para sociedade timorense.

Para a realização deste artigo, empreendemos um recorte a partir do projeto maior do PROFALA (UNILAB) e trabalhamos apenas com 10 dos 18 informantes de Timor-Leste, desse total oito são mulheres e dez são homens. Na época em que as entrevistas foram realizadas, dos dez, cinco tinham até 06 meses de estadia no Brasil, e cinco mais de 06 meses de estadia no Brasil. Cinco mulheres tinham 06 meses de estadia no Brasil e três mais de 06 meses de estadia no Brasil.

Projetamos três etapas de trabalho, sendo a primeira uma revisão bibliográfica, a segunda, a construção dos elementos de pesquisa, a terceira, a análise de dados obtidas pelo grupo de pesquisa profala (UNILAB) material e a quarta a redação do trabalho final. Este trabalho compõe-se de três partes: inicialmente, tratamos sobre o contexto linguístico do Timor-Leste; depois, aprofundamos os conceitos de LM, L2, LE, Língua Oficial (doravante LO) e Língua Nacional (doravante LN). Por fim, realizamos as análises dos textos transcritos das entrevistas realizadas pelo grupo de pesquisa PROFALA para análise das representações dos alunos timorenses. Portanto, o nosso interesse foi mostrar o papel da língua portuguesa como elemento importante para recuperar e preservar a identidade histórica, cultural e política de timorenses no momento em que o país se torna independente, em maio de 2002.

1.1. Contexto linguístico timorense.

O nosso objetivo neste trabalho é analisar as representações de Língua Materna, Língua Segunda e Língua Estrangeira revelada no falar de estudantes de Guiné-Bissau, residentes no Ceará, especificamente, a representação que eles constroem da Língua portuguesa como sendo resultantes da complexidade no contexto político da Língua CARIOCA et al PEIXOTO (2011). Porém, a linha deste trabalho é a política linguística de Timor-Leste. Pois, o país está comprometida com a escolha da língua portuguesa como língua oficial para aquele país, porém, essa língua oficial somente é falada por um grupo muito pequeno dos timorenses, tendo desempenhado o papel de real língua estrangeira para a sociedade do país, na medida em que não possui uma representatividade no seio da comunidade no território. O povo timorense começou a rejeitar o uso do português, por ser a língua do opressor, tendo sido obrigado a aprender a língua portuguesa nas escolas a partir da adoção de políticas linguísticas, que levou a implementação da língua portuguesa no país. Porém, o povo timorense já tinha se familiarizado com outras línguas nacionais e estrangeiras, que eram faladas em comum como línguas de interação, a saber: a língua *Tetum*, que é nacional e é mais falada pela maioria da população. Além da língua inglesa e da língua indonésia, que são, na verdade, as línguas oficiais não declaradas, e usadas até hoje em dia. Portanto, depois da independência apesar de terem a língua portuguesa como oficial muitos timorenses não usam português porque não sabem falar e nem compreendem, a maioria dos que falam a língua portuguesa são os mais velhos, ou seja, os antigos combatentes e mestiços descendentes de portugueses que usavam essa língua para libertar aquele território timorense, pois, a língua foi usada como instrumento de resistência e de luta para a independência de Timor-Leste.

Segundo Brito (2004, p.01), durante o domínio português, quer na administração transitória das Nações Unidas, quer no sistema de ensino, era usada exclusivamente a língua portuguesa, embora coexistindo, no dia-a-dia, com o *Tetum* e mais outras línguas. O autor citado afirma que o português influenciou profundamente o tétum, especialmente a variedade falada como língua franca, isto é, língua de contato conhecida como tétum-praça, que constitui atualmente a variedade oficial da língua ensinada nas escolas.

(...) Com a invasão do território pela Indonésia, o uso do português foi proibido, impondo-se a língua indonésia, idioma até então desconhecido no território. Durante 24 anos, toda geração timorense cresceu e foi educado nesta língua. O português sobreviveu, no entanto, como língua de resistência, usada pelo partido Fretilin e pelas outras organizações da resistência nas suas comunicações internas e no contacto com o exterior. O uso de português, muito mais do que o tétum, conferiu-lhe uma enorme carga simbólica por ser uma língua oficial. Com o termo da ocupação e a independência de Timor - Leste em 20 de Maio de 2002, as novas autoridades do país fizeram questão de recuperar o idioma da antiga potência administrante. A Constituição reconheceu o português como "língua oficial" ao lado do tétum. Essa situação gera o seguinte questionamento: será que a população timorense concordou com a colocação do português como língua oficial, ao invés da língua mais falada que é o tétum? (BRITO, 2004, p.01).

Ainda sobre a influência da ocupação da Timor-Leste, segundo Almeida (2008, p. 31)

(...) para os timorenses mais idosos, o indonésio é representado de maneira negativa, uma vez que é associado ao regime repressivo de Suharto, mas, por outro lado, muitos jovens têm resistência quanto ao uso do português. Para as pessoas tentarem falar foi através de missionários que batizavam os timorenses e dando nomes em português, tudo isso pulsou mais por causa dos portugueses mestiços que defendiam a língua portuguesa além de outras línguas. No entanto, enquanto a língua e a cultura dos invasores tiveram poucas influências para com o povo timorense, perderam o privilégio e as culturas portuguesas e timorenses têm difusões históricas e assim o português é defendido porque há colaboradores. Ao longo dos séculos, principalmente através de casamentos mistos, o que nunca existiu em relação ao holandês na Indonésia. Um bom exemplo da aceitação popular do português é o fato de que, 70% dos sobrenomes e 98% dos nomes próprios dos timorenses serem, de base portuguesa.

Portanto, as declarações do autor a cima citado, faz nos compreender que em Timor-Leste após a colonização, a língua portuguesa sofreu aniquilações pelos invasores Indonésios que prendiam apagar definitivamente o português porquê para eles era uma língua do inimigo, que não podia entender o que os timorenses podiam falar.

Porém, os mais idosos e mistos é que representavam e preservavam a língua portuguesa, e representando negativamente as línguas do opressor.

Porém, com o fim da invasão, isto é, depois da independência a população jovem resistia para falar a língua portuguesa por desconhecimento da língua. Estavam habituavam em falar as línguas locais, desconhecendo a língua portuguesa, e os jovens falavam algumas línguas indonésias. Para os jovens começarem a falar o português foi necessária a colaboração de missionários que batizavam os timorenses e davam nomes propriamente portugueses e assim tentaram compreender o pouco que podiam entender, o que fez com que acabasse e se inserindo nos hábitos e na cultura portuguesa.

Segundo Brito (2004):

(...) os dirigentes timorenses têm clara noção de que foi graças ao processo de colonização dos portugueses que Timor Leste criou uma identidade própria, diferenciada da outra metade da ilha e de outras partes do arquipélago indonésio. Contando com a participação de Portugal e do Brasil, que têm investido na política linguística do país, o português tem vindo progressivamente a recuperar terreno, sendo que cerca de 5% de timorenses falam português segundo as pesquisas realizadas no ano de 2001 e 2003. Portanto, o grande incentivador do português como língua oficial de Timor Leste foi Portugal, uma vez que os próprios portugueses reivindicam serem os primeiros parceiros do povo timorense, na medida em que enviaram os primeiros professores de língua portuguesa para a sociedade timorense, iniciando assim a reintrodução do português naquele país (BRITO (2004, p.8).

Dialogando com o autor acima citado, reconhecemos que a colonização contribuiu na aquisição de outras culturas para Timor-Leste, com a participação de dois países. Porém, para a reintrodução da língua portuguesa como língua oficial foi com a colaboração dos governantes daquele Território e alguns países que falam a língua portuguesa como oficial. O governo timorense, tendo o projeto de oficialização do português naquele país fez negociações e assinou acordos de cooperação com o Portugal e Brasil. Através desses acordos os dois países começaram a recrutar professores para as instituições de ensino superior timorenses, com o intuito de formar docentes que pudessem atender o ensino básico e o ensino médio.

Porém, dos dois países participantes da reintrodução do português em Timor-Leste, Portugal é o país que se intitula de ser mais próximo com o território timorense, por ter sido colonizador. Por outro lado, Portugal faz de tudo para recuperar as identidades remanescentes pós-colonização, isto é, os místicos fez com que muitos mestiços que nasceram em Timor-Leste se sintam cada vez mais melhor, pois trata-se de um resgate positivo para eles.

Santos (2009), na sua súpula nos fala que a língua portuguesa é a segunda língua e a língua estrangeira, o enquadramento da língua portuguesa surgiu a partir de um projeto de escolha de língua oficial, depois acontece que o português foi escolhido e reintroduzido como língua oficial para Timor-Leste. Porém, através dos estudos do autor, afirma-se que o método português em Timor 1 (PET1), é o primeiro método didático produzido por especialistas portugueses para o ensino da língua, Santos (2009), especificamente para o contexto de Timor-Leste, com intuito de facilitar os alunos na aquisição de L2 (português) que também é destinado na perfeição a atitudes “eurocêtricas” de educadores responsáveis na fundação do ensino de língua portuguesa em Timor-Leste, neste contexto, verifica-se que a ignorância dos estudantes quanto a realidade linguística, cultural e socioeconômica de timorenses, poderá ser desafiada de modo que, o projeto de reintrodução do português seja bem sucedido naquele território.

3. Noções de línguas maternas, Língua Segunda, Língua Estrangeira, Língua Oficial.

Como dissemos na introdução, este trabalho tem como objetivo conhecer e discutir sobre a aquisição da LM, L2, LO e LE e também descobrir qual é a função social das línguas na representação de estudantes timorenses de graduação no Brasil, em especial na Unilab. Nesse sentido, analisamos como uma população, que lida com vários idiomas e com partes de acomodação muito diferentes, representam em seu dizer a função social das línguas, especialmente a do português. Assim, é importante questionarmos como culturas muito diversas entre elas, que dominaram o país, deixam marcas na cultura timorense e na função atribuídas às línguas. Diante disso, questionamos como é que a população consegue comunicar-se sem precisar de especialistas de línguas para que possam ajudar na tradução e interpretação da língua

portuguesa para as comunidades que moram em áreas distantes de grandes centros urbanos, que só vão se juntar com outras pessoas com uma finalidade única de interação, e de fazer negócios de produtos diversos.

Porém, de acordo com Brito (2004, p. 09), a segunda língua oficial de Timor-Leste, é o português, depois de Tetum, para que seja usada pela maioria, é necessário que aja um ensino inclusivo na escola ou com um conhecido mais próximo. Em Timor-Leste, a língua portuguesa é falada por uma minoria, mesmo tendo sido escolhida para ser língua oficial. Ela foi escolhida pela cronologia histórica daquele país, e muitos povos daquele território consideram a língua portuguesa como um instrumento de resistência e luta para a conquista da independência. Destarte, em Timor-Leste a língua portuguesa a língua portuguesa é considerada língua estrangeira e Oficial porquê foi e é uma língua do colonizador cuja a oficialização foi em 20 de maio de 2002 pela constituição.

Isso nos levou a escolher este de tema, pois nos interessava saber como é que a sociedade timorense enxerga a tal língua de libertação, sendo uma língua que é defendida apenas pelos antigos combatentes e mestiços. Essa relação de língua de libertação é quebrada pelas novas gerações, uma vez que a população mais jovem fala mais de cinco línguas materna e diferente do português que é falado apenas na escola. Assim, a análise de dados obtidos pelo grupo da PROFALA (UFC) nos fez ver que, na verdade, a língua portuguesa ainda está para renascer, com a chegada dos professores de língua portuguesa. Assim, os alunos que serão incluídos nas escolas portuguesas terão a oportunidade de aprender falar com os docentes e colegas que minimamente sabem falar. É válido definir aqui o conceito de língua materna, língua segunda, língua estrangeira e língua oficial que servirá como um dos conceitos chaves para a nossa análise:

Aquisição da Primeira Língua, ou da Língua Materna, é uma parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais. A Língua Materna caracteriza, geralmente, a origem e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia (SPINASSÉ, 2006, p. 5).

O autor citado, ao posicionar-se nos valores pessoais e sociais linguisticamente está agindo de maneira positiva, pois normalmente a LM tem grande

importância para toda sociedade, que ajuda a unir num espaço de aglomerado de pessoas de várias origens etno-linguísticas e que quando precisam de se comunicar, ou seja, interagir um aos outros para criar um afeto, resulta na familiaridade e confiança em alguns momentos. A sociedade em geral, quando precisa aprender outra língua, é necessário que cada pessoa tenha uma língua materna que possa motivar na articulação da outra língua, embora que a língua fique presa na pronúncia de línguas de outros falantes como, por exemplo: para quem fala língua inglesa, querendo falar tétum, que é uma das línguas de Timor-Leste, mesmo com as dificuldades iniciais na articulação, ao andar do tempo o indivíduo irá conseguir falar normalmente por causa do ensaio que tem na LM.

A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é freqüentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos lingüísticos e não-lingüísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilingüismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1 (SPINASSÉ, 2006, p. 5).

Com essa afirmação do autor, na minha análise linguística, L1 seria a língua dos pais, porque as primeiras pronúncias começam com a vivência dos mais próximos da família, pode ser com a língua do pai, mãe, irmãos, primos e outros que fazem parte da família. E, embora que a língua é inata, neste contexto, é língua primeira porque foi o primeiro contato com língua dos pais. Quando as famílias falam com uma criança, normalmente procuram meios para conseguir colocar essa criança na pré-aprendizagem, o que faz com que ao seguir esse processo surja a primeira língua da criança. O plurilinguismo não vem através da primeira língua ou L1, mas sim, por ter mais outras línguas das comunidades e/ou grupos étnicos vizinhos para conseguir ter um afeto. Por isso, o sistema plurilinguismo é a soma de mais línguas na sociedade que o indivíduo fala. Suponhamos que um timorense que nasceu em Díli, só sabe falar a língua *Tetum*, mas em outras comunidades fala-se maumbere, que é língua local, e ainda tem a língua

indonésia e inglesa. Neste caso, a criança terá a obrigação de aprender as outras línguas para conseguir uma boa comunicação com os amigos desta comunidade linguística.

O autor acredita que uma criança nasce e cresce na Alemanha, filha de um francês com uma colombiana. Se com cada um dos pais ela se comunica nas suas línguas respectivas, e na creche, na rua, com os amigos e vizinhos o alemão é a língua diária, essa criança tem, claramente, três línguas maternas: francês, espanhol e alemão (SPINASSÉ, 2006, p.6, 7).

O que chamaríamos de língua materna? Para dialogar com o autor, as três línguas maternas referidas por Spinassé (2006), não são línguas maternas para essa criança destacada. Como sabemos, a língua materna é aquela que aprendemos em casa com nossos pais, nos primeiros anos de vida, e não três línguas ou mais. Neste processo da criança, diríamos que está contemplado no sistema plurilíngüismo muito cedo e os promotores são os pais e os amigos com que convive no dia-á-dia. Se fossemos seguir a teoria desse autor, no mundo não existiria o plurilíngüismo.

a L1 é caracterizada pelo fato de que a criança a aprende “scheinbar mühelos, allmählich und automatisch im Einklang mit der geistigen und körperlichen Entwicklung erwirbt”. A aquisição de uma Segunda Língua (L2 ou SL), por sua vez, se dá, quando o indivíduo já domina em parte ou totalmente a(s) sua(s) L1, ou seja, quando ele já está em um estágio avançado da aquisição de sua Língua Materna”. Essa explanação do autor ao dizer que, para conseguir falar a segunda língua é necessário que a pessoa domine a sua L1, isso pode acontecer dependendo da circunstância de onde se encontra o falante, embora que também o falante pode aprender a língua segunda em simultâneo sem que domine L1 e como comportamento bilíngue. O que pode acontecer para impulsionar o indivíduo a falar SL sem dominar bem a sua L1, é a questão de atração com alguma coisa que sai do outro lado, pode ser por gostar de uma pessoa e que vai obrigar a essa aquisição mútua, isso naturalmente acontece nas crianças. E sustenta-se com a teoria chamada neurolinguística, fundada e defendida por LENNEBERG (1967), deve haver um determinado espaço temporal, no qual a aquisição da L1 ocorre de forma fácil e mais eficaz. O chamado “período crítico”, segundo o autor, estaria

ligado ao desenvolvimento do cérebro e ao processo de lateralização. E ainda afirma o autor que línguas aprendidas ou adquiridas ainda cedo são dominadas como se fosse L1, mas desde que aquelas desempenhem igual a outra língua (SPINASSÉ, 2006, p. 5 e 6).

O autor acredita que a aquisição de uma segunda língua e a aquisição de uma língua estrangeira (LE) se assemelha no fato de serem desenvolvidas por indivíduos que já possuem habilidades linguísticas advindas da língua materna. Uma diferenciação entre essas duas formas de aquisição de língua (LE e L2), baseia-se fundamentalmente no papel ou função do falante. Nesse sentido, é a função social da língua exercida no país pelos seus falantes que define se uma língua é LE ou L2. Com essa teoria, vimos que no processo de aquisição não há muita diferença entre o aprender de L1, SL, LE, e LO, mas é a função social que exerce a própria língua que vai diferenciá-las no processo de aquisição das línguas, dependendo da localização da comunidade linguística.

Spinassé (2006) pode estar a nos apresentar um assunto claro sobre a aquisição da LE e, com isso, diríamos que a aquisição de língua estrangeira depende das oportunidades que os indivíduos têm na vida real. Um candidato que acaba de concorrer à uma bolsa de estudo na Austrália, por exemplo, precisa aprender a língua estrangeira obrigatoriamente, e quando o aluno chegar à universidade terá mais um mês ou mais para aprender a língua inglesa, então, na aquisição de uma língua estrangeira pode ser obrigatória dependendo da circunstância e também pode ser de livre vontade do indivíduo, porque LE é usada muito mais por instituições internacionais para melhores entendimentos nas negociações institucionais, questões de músicas internacionais e filmes, para aqueles que têm curiosidades de saber mais coisas do mundo.

Sobre o conceito de Língua Oficial, Spinassé (2006) diferencia em relação às outras concepções de línguas, na medida em que o status social é atraído de forma oficial pelo país de língua oficial, cabendo necessariamente ao indivíduo essa inserção no mundo da língua oficializada pelo estado, para estabelecer interações oficiais em vários espaços públicos, tais como nas escolas, hospitais, e demais serviços públicos.

Os conceitos de LM, LE, L2 e LO são muito complexos, na medida em que envolvem a própria definição de língua e uma reflexão metodológica do

ensino de línguas. Essa complexidade fica ampliada, quando pensamos em contextos multilíngues como é o caso da Guiné-Bissau, em que a língua portuguesa, apesar de ser LO, não é dominada pela maioria das pessoas, sendo usada, muitas vezes, de forma artificial e burocrática na escola e nos serviços da administração pública [...]. (CARIOCA et al PEIXOTO, 2011).

No caso de Timor Leste, a população é multilíngue e ainda reapareceu mais uma língua que é o português falado por uma minoria, uma língua do colonizador que foi abandonada por pertencer a estrangeiros, que por sinal eram também opressores daquele país. Os próprios falantes é que sabem como é que estão posicionados, eles é que podem dizer qual é a LM, LE, L2 e LO, porque o domínio das línguas depende de cada indivíduo, entre eles, e outros podem dizer que a LM dele é indonésio, e ninguém vai desmentir porque as pessoas não sabem a trajetória de vida deles, os nativos dirão que o tétum é língua materna, isso dependendo da comunidade linguística, e ao mesmo tempo pode ser oficial pois é a mais falada.

Esperamos que não seja uma estratégia para eliminar a língua mais falada, para dar espaço a uma língua estrangeira. Deste modo, pode-se esperar uma guerra linguística porque cada grupo etnolinguístico puxará vai tentar privilegiar a sua língua, mas, se avançarem com as duas línguas no aprendizado, todos sairão ganhando e satisfeitos, pois auxiliarão um ao outro, isto é, na tradução das duas línguas, e a língua portuguesa não pode ser tratada como veicular porque ela veio para ficar naquele país. Se olharmos bem, em Timor-Leste terá uma língua aproximativa, que os falantes irão introduzir, eles não farão o uso da língua portuguesa conforme uso do colonizador, mas sim haverá um português timorense, podendo conseguir conservar o português na escrita, e não na fala.

As representações de estudantes guineenses com relação aos conceitos de LM, LE e LO, reveladas no discurso e pelo discurso, nos possibilitam compreender, de forma mais ampliada, o papel que a língua portuguesa ocupa na construção da identidade desses estudantes. Analisamos parte do questionário metalinguístico, aplicado pelo PROFALA, aos estudantes guineenses da Universidade Federal do Ceará e da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (CARIOCA et al PEIXOTO, 2011).

Dialogando com as autoras, vimos que as representações de alunos entrevistados pelo grupo PROFALA e da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, é diferente com os estudantes timorenses contemplados. Para eles a realidade é outra, porque os dados fornecidos demonstram que os timorenses não pronunciam bem as palavras em português, isto é, vieram com pouca capacidade de falar a língua portuguesa e na compreensão, e também nos faz sentir que no país deles a maior parte daquela comunidade linguística é plurilíngue. Pois para contemplarem esta língua eles precisam de bons educadores, linguistas que podem colaborar com o governo do país de origem para que as políticas linguísticas sejam bem pensadas. Através de pesquisas eles saberão dizer qual é a língua materna, língua estrangeira e língua oficial, e essa estruturação permitirá uma boa integração com a língua portuguesa que está reintroduzida como oficial.

3. Análise das representações sobre conceito de LM, L2, LE, LO construídos por estudantes timorenses.

Quanto às representações dos estudantes de Timor-Leste em relação à LM, L2, LE e LO, vimos que os timorenses de modo geral se comunicam com a língua materna, desconhecendo assim a língua estrangeira, como é o caso da língua portuguesa que antes era usada, e no lugar do português foi substituída por outras línguas de outros países vizinhas e de novos colonizadores e/ou invasores. As línguas maternas desempenham um grande papel na sociedade. Ao longo dos anos, os timorenses, na sua maioria, usam quase todas as línguas sem ter noção de distinguir qual é a língua oficial. Para eles, o que lhes interessa é a interação.

Com a reintrodução da língua portuguesa para os timorenses, criou um tormento para a população, embora tenha sido reintegrada pelo conselho constitucional timorense para colocar o português como língua oficial, mesmo tendo um número reduzido de população que fala a língua portuguesa.

Vale destacar o método usado para que a língua portuguesa, como língua Oficial (LO), seja abrangente. O governo fez cooperações com alguns países que falam português (CPLP) de modo a ter um número significativo que consiga chegar a LO, à metade da população, mas o objetivo do governo é expandir o português para todos

timorenses, principalmente para as novas gerações que até agora ainda não falam e nem entendem a língua oficial.

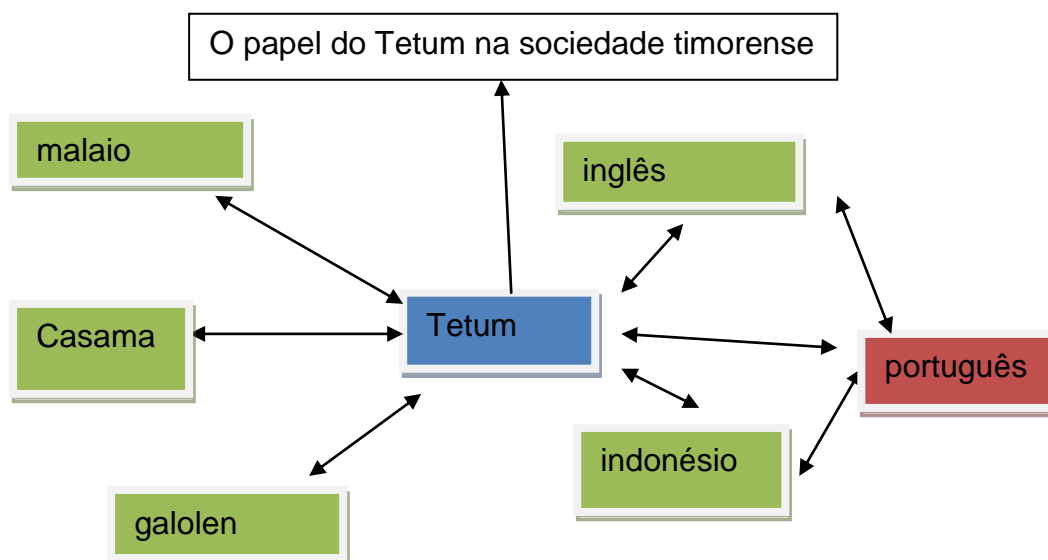
Para analisarmos os dados advindos da fala dos acadêmicos entrevistados, vamos usar três questionários metalinguísticos a saber: quais as línguas que você fala? Qual a relevância da língua portuguesa? Como é a alfabetização no seu país? Com estas questões os alunos timorenses demonstrarão os comportamentos e as opções deles. Para construirmos as tabelas que demonstra como respostas de questionários feitos, partimos da tabela síntese retirada do artigo de Peixoto e Carioca (2011), em que os estudantes guineenses manifestam a importância da língua portuguesa para eles, dentro da sociedade e quantos falam português e porque gostam do português. Isso será destacado no quadro a abaixo. No nosso caso, sintetizamos os dados dos estudantes timorenses, no que se refere à questão 1 do questionário metalinguístico.

Quadro 1. Línguas faladas pelos informantes acadêmicos timorenses.

Entrevistados	Línguas faladas
Informante 31	Tetum, português, inglês e três dialetos.
Informante 97	Tetum, português e mais 36 línguas maternas.
Informante 30	Indonésia, tetum, inglês, português.
Informante 81	Português, makasai, tetum, naueti, galoli e malaio.
Informante 36	Tetum, makasai, malaio, inglês e português.
Informante 99	kemak, tetum, malio, e português.
Informante 32	Tetum, indonésia, inglês e português.
Informante 88	Tetum, português, makasae.
Informante 37	Tetum, português, inglês, naueti, casamar.

Informante 60	Indonésia, malaio, tetum, português, inglês.
---------------	--

Esquema da importância da LM, LS, LE e LO para os timorenses.



Durante o processo de recolhimento das respostas, preenchemos o quadro que contém as informações de todos os informantes timorenses, ao dar resposta de quantas línguas eles falam no dia-a-dia, constatamos que todos eles têm duas línguas em comum, que são o tetum e a língua portuguesa, isto é, língua materna e língua oficial embora que há outras línguas faladas dentro da sociedade. Por outro lado, percebemos que o papel dos idiomas é muito forte, o plurilíngüismo tem grande predominância e, mesmo assim, a língua mais falada é o *tetum*.

Inf.: falo a língua portuguesa (incompreensível) queria falar expressar eu penso aqui em tetum e tento traduzir para o português: (pelo menos quando tava na aula nós queremos expressar o sentimento mas nós por exemplo pensamos na língua tetum e trazemos para língua portuguesa talvez a língua, a palavra errada é traduzindo diretamente)

O informante 37 deixa claro que a língua portuguesa falada por ele é incompreensível em frente de uma pessoa que dominou o português. Este informante sente-se seguro quando fala a língua materna, tetum, que ocupa o lugar da língua oficial, embora tenha a língua portuguesa como oficial. Será que a língua portuguesa chegará para todos, com esta gravidade de dificuldades? Segundo os dados de nossos interlocutores, se nota que as escolas oferecidas pelo governo são insuficientes para o ensino de língua portuguesa.

Inf.: importância a língua portuguesa na minha vida é assim, é língua portuguesa, é língua, é língua oficial, isso pra mim é a importância [balbucios] tem que se aprender língua, essa língua, para melhorar minha língua portuguesa também para ensinar língua para outros planos que ainda quero passar pra esta língua.

O informante 37 deixa claro que a relevância do português é: primeiro é por ser língua oficial para os timorenses e que desenvolverá interação em português. Segundo, com a língua portuguesa bem falada ele conseguirá ter bom desempenho nos projetos que está elaborando em língua materna dele para o português, com intuito de fazer chegar para outras pessoas que não compreende a língua materna local. Há aqui uma evidente valorização do português como língua de prestígio social, porque essa língua é muito esperada para um grande número de timorenses que precisam sentir o passado e o presente com a única causa, que é a independência. Vale frisar que esta língua foi usada como arma e instrumento para derrubar o inimigo. Segundo Almeida (2008, p.145, 146), o português como língua estrangeira não pode ficar longe da língua materna (tetum), e em qualquer momento será preciso uma tradução de uma língua para outra. A partir da pesquisa deste autor, dá para notar que é necessário um suporte de outra língua por enquanto, pois nessa passagem do autor constatou-se que com a oficialização da língua portuguesa naquela sociedade linguística, precisará de um duplo uso das línguas porque na existência de um português ou um sujeito que saiba falar e o mesmo não saiba se comunicar em língua local (LM), a comunidade precisará de uma pessoa que saiba traduzir para as pessoas que não falam português.

Inf.: eu aprendi língua portuguesa quando eu fiz quatro:: meses que:: é quando:: passei as professoras brasileiros que foram para o Timor-Leste a ensinar aprendi quatro meses que aprendi conversamos um pouco.

O informante, ainda respondendo o questionário, diz que aprendeu a língua portuguesa com os professores brasileiros que foram ensinar em Timor-Leste, em quatro meses ele conseguiu falar um pouco em português. Isto indica que, alguns timorenses não sabem falar a língua portuguesa, para eles o português é língua segunda, mesmo que o governo tenha definido como a língua oficial. Deste modo, será que os dirigentes conseguirão atingir um número considerável da população? E que estratégias serão usadas, sabendo que LP já está declarada no país e é usada nos serviços públicos? E será que haverá metas do governo para a inclusão linguística do povo da classe baixa, e quais os deveres a serem aplicados?

Considerações Finais

Este trabalho nos fez perceber que a língua portuguesa é extremamente relevante para os timorenses, pois está atrelada à aspetos históricos, econômicos, sociais e culturais. Trata-se de um instrumento que possibilita a troca de experiências com outros países falantes de língua portuguesa (CPLP). Ao se abrir as portas para a reintrodução da língua portuguesa como língua oficial para aquele país, as novas gerações sairão bem-sucedidas em seus projetos de vida atrelados aos estudos nos países que falam português, sem precisar curso de português, e possibilitará adquirir um bom aproveitamento nas escolas. Embora no momento alguns timorenses não saibam falar bem o português, ao andar de tempo estarão no mesmo patamar com os outros que estão sendo formados em vários países que compartilha a mesma língua oficial, assim, com o projeto feito pelo governo timorense elevará o número de falantes de língua portuguesa através da formação de filhos do país para mais tarde repor o potencial da língua portuguesa como oficial.

As decisões tomadas pelos dirigentes timorenses, em relação à língua portuguesa, são inegáveis, atribuindo-lhe o papel de língua oficial. Para isso, acontece que o governo sensibiliza através de ensino de português nas escolas do país para

conseguir aproximar cada família a partir dos próprios filhos e o duplo uso da língua portuguesa e o tetum. Como constatamos em Almeida (2008, p. 145, 146), tornara mais fácil para criar um grande valor cultural e afetivo entre a sociedade timorense.

Na verdade, esta língua que hoje está de volta à sociedade, uma língua que foi banida ostensivamente durante 20 anos, proibida nas escolas pelos invasores do país vizinho Indonésia e que se apresenta viçosa logo a seguir à libertação mostra que a língua portuguesa estava mesmo com profundas raízes nos valores culturais do povo timorense, embora reconheçamos que algumas comunidades já estavam se esquecendo que a língua portuguesa fazia parte deles, exceto principalmente os mais velhos que usavam muito o idioma nos tempos da opressão dos indonésios que invadiam aquele país Asiático. Nessa época o povo timorense tinha mais afetos culturais por partilhar a mesma língua.

Depois de ter sido banida a língua portuguesa, os timorenses começaram a usar as línguas maternas e estrangeiras que ali existem para continuar a trocar ideias, que a sociedade conseguiu colocar no lugar do português. Assim, com o desaparecimento do português, a sociedade timorense não ficou desiludida porque colocavam novas línguas oficiais, que eram as línguas nacionais. No decorrer do tempo começaram a usar as línguas estrangeiras, a saber, o inglês da Austrália, o indonésio da Indonésia, e também o povo timorense usa as línguas maternas do país vizinho, que é a Indonésia. As línguas maternas sempre tiveram um papel muito relevante para a sociedade timorense, seja no âmbito política, econômica e cultural.

Portanto, esperamos que o governo timorense, junto com o ministério de educação e os linguistas nacionais colabore na elaboração de projetos para o ensino da língua portuguesa, com o intuito de expandir a língua em todo território nacional. Os linguistas nacionais precisam desenvolver pesquisas para saber quantos estão adquirindo e quais estão em resistência linguística, com objetivo de facilitar o governo no controle da comunidade linguística. Em Timor-Leste ainda há indivíduos que não querem que o português seja uma língua oficial, como Almeida nos apresenta em sua pesquisa. Durante a recolha de dados, uma das respostas foi: “Não concordo com a escolha da língua portuguesa como língua oficial”. O trecho citado nos dá a ideia de que, no futuro, o governo de Timor-Leste precisará enfrentar desafios para resgatar os futuros falantes da língua oficial portuguesa e estrangeira na perspectiva timorense.

Referências

ALMEIDA, Nuno Carlos Henriques de. **LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE: ENSINO E CIDADANIA**: Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa Área de Especialização em Metodologia do Ensino de Português Língua Estrangeira / Língua Segunda. 2008. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Letras, Departamento de Língua e Cultura Portuguesa, Universidade de Lisboa Faculdade de Letras e Cultura Portuguesa, Lisboa, 2008.

BRITO, Regina Helena Pires de; et al REAL, Benjamim de Araújo Corte -. **Aspectos da política linguística de Timor Leste, desvendando contra corrente**. 2004. 10 f. Artigo (Graduação) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Timor Leste, 2004.

CARIOCA, Cláudia Ramos et al PEIXOTO, Camila Maria Marques. **AS REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICAS DOS ACADÊMICOS GUINEENSES: uma reflexão sobre o estatuto da língua portuguesa fundamentada no corpus do PROFALA**. 2011. 14 f. artigo (Graduação) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Edufc, Fortaleza-ce, 2011.

FERNANDES, Agostinho Almeida. **Estudo comparativo entre professores que fizeram e que não fizeram curso de formação docente na república democrática de Timor Leste**. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade da Educação, Programa de Pós-graduação-mestrado, Brasília-df, 2006.

PONTE, Andreia Silva. **1. Educação e Linguística. 2 . Política linguística - cursos de graduação . 3. Política de integração regional - ensino - línguas e espanhol**. 2017. 512 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-pb, 2017.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil**. 2006. 8 f. Monografia (Especialização) - Curso de Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SANTOS, Ana Sofia Rodrigues dos. **O ensino da língua portuguesa em Timor Leste : o método português em Timor e a importância do tetum (L1) na aquisição do português (L2)**. 2009. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais e Humanas, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2009.